

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.022

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: O QUE DIZEM OS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO

Stefany Machado de Lima¹

Elisangela Santos de Amorim²

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa de Mestrado Profissional intitulada Relações de Gênero na Escola: Desconstruindo Estereótipos de Gênero na Educação Infantil. A investigação parte da constatação de que, apesar dos avanços no debate sobre igualdade de gênero, ainda persistem práticas escolares que reforçam estereótipos desde os primeiros anos da infância. Com base em autores como Louro (1997, 2007), Foucault (2003) e Scott (1996), o estudo adota uma abordagem qualitativa e se configura como um Estado do Conhecimento, conforme os procedimentos indicados por Romanowski e Ens (2006), com foco nas dissertações dos programas de pós-graduação da UFMA e da UEMA, entre 2013 e 2023. O objetivo foi mapear e analisar a produção científica sobre gênero na educação infantil no estado do Maranhão. Foram identificadas 36 dissertações com ênfase em categorias como gênero, relações de gênero, currículo e prática docente. Os resultados revelam que a maioria das pesquisas analisa a prática pedagógica e os documentos oficiais, deixando uma lacuna quanto à participação das crianças nas construções

1 Mestra do Curso Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB/UFMA, fannylima@gmail.com;

2 Doutora do curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, es.amorim@ufma.br.

de gênero. Também se observou predominância de abordagens qualitativas, com metodologias como pesquisa-ação, bibliográfica e entrevistas. A pesquisa evidencia a importância da escola como espaço de construção – e também de transformação – das relações de gênero, ressaltando a urgência de práticas pedagógicas que rompam com os estereótipos e promovam equidade desde a infância.

Palavras-chave: gênero, educação infantil, estereótipos, práticas pedagógicas, relações de gênero.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz parte da pesquisa de Mestrado Profissional, intitulada “Relações de Gênero na Escola: Desconstruindo Estereótipos de Gênero na Educação Infantil”, e emerge da constatação de que, mesmo diante dos avanços significativos nas discussões sobre igualdade de gênero e direitos humanos, os estereótipos relacionados às identidades masculinas e femininas ainda exercem forte influência sobre as escolhas, comportamentos e interações de crianças na fase pré-escolar. A permanência dessas concepções evidencia que a simples inserção do debate de gênero no discurso educacional não é suficiente para promover transformações concretas nas práticas pedagógicas e nas relações cotidianas dentro da escola.

A escolha do tema é motivada pela urgência de abordar e desconstruir estereótipos de gênero desde a infância, período considerado crucial para o desenvolvimento de identidades, valores e comportamentos futuros. Conforme apontam Buscato e Reis (2019), a infância constitui-se como uma fase de intensas aprendizagens simbólicas, nas quais as crianças internalizam normas sociais e papéis de gênero que moldam suas percepções sobre o que é “ser menino” e “ser menina”. A educação infantil, enquanto primeiro espaço formal de socialização fora do ambiente familiar, assume, portanto, um papel central na formação das percepções de gênero e na possibilidade de construção de identidades plurais e não normativas.

Contudo, historicamente, a escola foi também um espaço de reprodução de valores sociais excludentes, estruturados por hierarquias e desigualdades. Louro (1997; 2007) observa que a instituição escolar não é neutra, sendo permeada por discursos e práticas que produzem e reforçam normas de gênero, muitas vezes de forma implícita, naturalizando comportamentos e expectativas diferenciadas para meninos e meninas. Nessa perspectiva, Scott (1996) contribuiu ao afirmar que o gênero deve ser compreendido como uma categoria de análise que ultrapassa a dimensão

biológica, constituindo-se como um sistema simbólico e relacional que organiza o poder e as práticas sociais. Assim, compreender como a educação infantil contribui para a manutenção ou para a desconstrução desses padrões torna-se um desafio epistemológico e pedagógico fundamental.

O debate sobre gênero e educação ganhou maior visibilidade a partir da segunda metade do século XX, impulsionado pelos movimentos feministas e pelos estudos de gênero e sexualidade, que passaram a questionar a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres. No contexto brasileiro, as discussões se intensificaram com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que estabelece a igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros, e com a criação de políticas públicas voltadas à promoção da equidade e do respeito à diversidade. Nesse sentido, documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reafirmam a importância de uma educação comprometida com o reconhecimento das diferenças e com o enfrentamento de qualquer forma de discriminação.

Entretanto, na prática cotidiana das instituições de educação infantil, ainda se observam resistências, omissões e práticas pedagógicas que reforçam concepções tradicionais de masculinidade e feminilidade. Brincadeiras segregadas, cores atribuídas a determinados gêneros e expectativas diferenciadas em relação ao comportamento e ao desempenho das crianças são exemplos de como o currículo oculto contribui para a reprodução dos estereótipos (MEYER, 2003; FINCO, 2015). Tais práticas, muitas vezes inconscientes, acabam por limitar as experiências e as possibilidades de expressão das crianças, restringindo a construção de identidades livres e diversas.

Investigar como esses estereótipos se manifestam e são perpetuados no espaço escolar é, portanto, um passo essencial para compreender a complexidade das relações de gênero na infância e propor alternativas pedagógicas transformadoras. Assim, este trabalho busca discutir as práticas educativas observadas na educação infantil, analisando as influências

culturais, sociais e familiares que moldam as percepções de gênero. Além de mapear a produção acadêmica sobre o tema, a pesquisa pretende contribuir para o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade, a diversidade e o respeito às identidades.

Dessa forma, o estudo tem como objetivo mapear, sistematizar e analisar as produções científicas sobre gênero na educação infantil no Estado do Maranhão, especialmente aquelas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no período de 2013 a 2023. A escolha desse recorte temporal e geográfico justifica-se pela necessidade de compreender como o debate sobre gênero tem sido incorporado nas produções acadêmicas regionais e quais caminhos têm sido traçados no campo da formação docente e das práticas pedagógicas.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer subsídios teóricos e metodológicos para novas investigações e práticas educativas que promovam a desconstrução dos estereótipos de gênero, favorecendo a construção de uma escola mais acolhedora, justa e democrática. Uma escola que, como defendem Louro (2008) e Butler (2019), reconheça as identidades como múltiplas e em constante transformação, e que ofereça às crianças oportunidades de aprender e conviver em um ambiente de respeito, liberdade e equidade.

2 A ESCOLA COMO CONSTRUTORA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

O espaço escolar é um lugar de socialização e estão presentes as relações de gênero, construídas socialmente. A respeito disso, tem-se que:

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (Louro, 1997, p. 57).

No ambiente escolar, desde sempre estiveram presentes os valores sociais e, com eles, as relações assimétricas, construídas historicamente, de homens sobre mulheres, que se reproduzem nos comportamentos das crianças. As regras sociais são refletidas neste espaço, o que é determinante na construção dos sujeitos.

A escola é um lugar reconhecido pelo grupo social, como transmissora de informações, habilidades e valores culturais socialmente compartilhados (Santos, 2001). Nesse cenário é imprescindível, desde o início da Educação Básica, um olhar mais amplo da escola, a respeito das relações de gênero. Foucault (2003, p. 44) nos diz que:

O que é afinal um sistema de ensino se não uma ritualização da palavra; se não uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; se não a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; se não uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?

Pires (2021) aponta que é na escola em que temos a oportunidade de experimentar e conviver com as diferenças. Nessa complexidade, onde se reflete a sociedade, amplia e diversifica o que a criança experimenta e vive em seu grupo familiar, apenas. É na escola que as crianças também ampliam a sua visão de mundo. E não podemos deixar de considerar os aspectos inerentes à sexualidade na infância e a relação da criança com ela mesma e com o seu corpo. A sexualidade diz respeito a muitas outras esferas da atuação humana. Baseado nisso, Louro (2007) traz que:

Sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso leva a apostar que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso (Louro, 2007, p. 72).

Britzman (1996) pontua que, tanto a escola, quanto outras instituições sociais, tentam adequar a criança ao gênero a que ela pertence. Neste sentido, Carvalho (2001) considera que há, mormente, preferências

de docentes em educar os meninos do que as meninas, pois os consideram mais originais, interessantes, estimulantes e inteligentes.

O ambiente escolar, onde a criança está inserida, poderá ser um espaço de mudança e surgimento de novas relações sociais de gênero. Algumas definições referentes a homens e mulheres, essencialistas e preconceituosas, precisam ser alteradas. Concomitante a esta ideia, defendemos que a formação e o debate entre docentes e toda a equipe de profissionais da escola é o principal caminho para o enfrentamento das questões que se referem ao gênero. A falta desses debates é preocupante, ideias e preconceitos são constituídos involuntariamente, e não discutir essas questões é fortalecer as diferenças entre homens e mulheres, já que estudos apontam que “[...] a escola possui mecanismos sutis que constroem e mantêm as diferenças entre os sexos” (Finco, 2003, p. 92).

Os debates devem ser fomentados visando formas diferenciadas de organização e orientação do processo educativo, a fim de superar as polaridades entre os sexos feminino e masculino, desconstruindo a ideia de que existem tendências naturais a certos tipos de comportamentos, conforme o sexo do indivíduo.

Nesse sentido, profissionais da Educação devem mediar diversas experiências e vivências às meninas e aos meninos, para que possam se aproximar dos diferentes papéis sociais, tal como possam estar organizados de diferentes formas, para além dos grupos de meninas e meninos, como na formação de filas, ou para organização e definição de brincadeiras e jogos diferenciados para meninas e meninos.

O crescimento exponencial dos estudos sobre gênero ocorreu principalmente a partir das últimas décadas do século XX, com um grande impulso nos anos 1990 e 2000. Esse avanço foi impulsionado por diversos fatores, incluindo: Feminismo e Movimentos Sociais; Academia e Produção Científica; Políticas Públicas e Direitos Humanos; Tecnologia e Redes Sociais. Esse crescimento continua até hoje, com estudos cada vez mais complexos e interdisciplinares sobre gênero, identidade e relações sociais.

Reconhecendo a importância dos estudos prévios sobre gênero, relações de gênero e Educação Infantil, empreendeu-se um mapeamento abrangente das produções científicas presentes em dissertações defendidas nos Programas de Pós-graduação da UFMA e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no período de 2013 a 2023 (que abrangem os anos anteriores a esta pesquisa), quais sejam:

- Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEMA; □ Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em História (PPGHist) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsic) da UFMA;
- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc) da UFMA.

Este levantamento visou identificar as tendências e avanços nesse campo de estudo dinâmico. Para esta pesquisa, buscou-se dissertações apresentadas no estado do Maranhão, e dentre os programas investigados, destaca-se os Programas de Pós-Graduação (PPGE) da UFMA e o da UEMA, proporcionando uma análise abrangente e contextualizada das pesquisas realizadas nessas instituições. Este levantamento contribui para a compreensão das principais linhas de pesquisa, promovendo uma visão mais completa do panorama acadêmico no âmbito do gênero e da Educação Infantil.

Seguindo os processos para o desenvolvimento de uma pesquisa tipo Estado do Conhecimento, colocados por Romanowski (*apud* Romanowski; Ens, 2006), primeiro escolhemos descritores para direcionar como

as buscas serão realizadas e critérios para a seleção do material. Logo, levantamos as pesquisas a partir da aba “título”, no acervo on-line dos sites das instituições, utilizando os seguintes descritores: gênero, relações de gênero e Educação Infantil.

Posteriormente, levando em conta os critérios de seleção, as dissertações foram analisadas para destacar se estão dentro do período de defesa anteriormente estabelecido (2013-2023), se não há duplicidade nas produções científicas e se estão inseridas na área da educação.

De acordo com Romanowski e Ens (2006), estudos sobre o Estado do Conhecimento:

(...)pode significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procurar identificar os transportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de divulgar, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada (Romanowski; Ens, 2006, p. 39).

Dentre todos esses aspectos já mencionados, encontrou-se 36 dissertações, listadas abaixo, no quadro 1.

Quadro 1 – Informações gerais das dissertações (2013 - 2023)

N.º	Autor(a)/Título	Orientador(a)	Ano	Programa
01	COSTA, Maria de Lourdene Paula - As práticas pedagógicas de professores de Educação Infantil do município de Santa Inês	MELO, Maria Alice	2013	PPGE UFMA
02	RODRIGUES, Gilvana Nascimento - Formação e Autonomia Docente: desafios à inclusão na Educação Infantil	CARVALHO, Mariza Borges Wall Barbosa de	2013	PPGE UFMA
03	MELO, Maria Celia Macedo Araújo - Gênero e Universidade: a presença da mulher aluna nos Cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão	MOTTA, Diomar das Graças	2013	PPGE UFMA

N.º	Autor(a)/Título	Orientador(a)	Ano	Programa
04	DUTRA, Rosyane de Moraes Martins - Formação Continuada de Professores na escola: prática docente e autonomia pedagógica na Educação Infantil	MELO, Maria Alice	2014	PPGE UFMA
05	LIMA, Rarielle Rodrigues - As relações de gênero no espaço da Educação Física escolar no município de Pio XII - MA	SOUSA, Sandra Maria Nascimento	2015	PGCult UFMA
06	SANTOS, Katiana Souza - Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do romance Úrsula	SOUSA, Sandra Maria Nascimento	2015	PGCult UFMA
07	MAIA, Marília Milhomem Moscoso - Gênero no contexto escolar da Educação Infantil: produções institucionais (RCNEI e BNCC)	SOUZA, Sandra Maria Nascimento	2017	PGCult UFMA
08	SOUSA, Thalita de Fátima Aranha Barbosa - Gênero e Educação Infantil: um estudo das atividades realizadas pelas professoras no contexto escolar	MOTTA, Diomar das Graças	2018	PPGE UFMA
09	SILVA, Heline Maria Furtado - Ensino de ciências e questões de relação de gênero em instrumentos didáticos do Ensino Fundamental	ARANHA, Marize Barros Rocha	2018	PPGEEB UFMA
10	SILVA, Joelma Ramos Serejo - Gênero e sexualidade no contexto educacional: o que dizem os docentes do Instituto Federal do Maranhão - IFMA	ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana	2018	PPGPsic UFMA
11	SOARES, Dlayne Giordana Pereira - A mediação do processo de aprendizagem em crianças com baixa visão: brincadeiras utilizadas pelo professor na Educação Infantil	CARVALHO, Mariza Borges Wall Barbosa de	2019	PPGE UFMA
12	BOGÉA, Arthur Furtado - Discursos de gênero no espaço escolar: quais referências de masculinidades?	NUNES, Iran de Maria Leitão	2019	PPGE UFMA
13	CASTRO, Kátia Regina dos Santos - A linguagem musical e as práticas músico-educativas para o desenvolvimento de habilidades na Educação Infantil: um estudo na UEB Bernardina Spíndola	MELO, José Carlos de	2020	PPGEEB UFMA

N.º	Autor(a)/Título	Orientador(a)	Ano	Programa
14	VIANA, Isaac Pereira - O processo de inclusão de crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil	CHAHINI, Thelma Helena Costa	2020	PGCult UFMA
15	RIBEIRO, Ruy Tadeu Costa - Educação e diversidade de gênero: experiências escolares de travestis em São Luís - Ma	ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana	2020	PPGPsic UFMA
16	SIMÕES, Simone Cristina Silva - Concepções de gênero e sexualidade no curso de pedagogia UFMA/Codó: criando espirais de conhecimento com o olhar discente	MACHADO, Raimunda Nonata da Silva	2020	PPGE UFMA
17	SOUZA, Poliana Jesus de - Juventude, sociologia e gênero: práticas políticas entre estudantes de uma escola pública em São Luís, MA	AHLERT, Martina	2020	PPGCSoc UFMA
18	MONTEIRO, Gabriel Rocha - As representações dos alunos do gênero masculino no Curso de Pedagogia: homens e identidades na rota de conflitos	ALMADA, Francisco de Assis Carvalho de	2021	PPGFOPRED UFMA
19	FRANCO, Rita Maria Sousa - Os saberes e fazeres dos coordenadores pedagógicos: a sua importância na Formação continuada dos educadores da Educação Infantil	MELO, José Carlos de	2021	PPGEEB UFMA
20	AGUIAR, Maria José de Melo e Alvim - Costurando narrativas pelos fios da coordenação pedagógica em contexto curricular da Educação Infantil	SANTOS, Maria José Albuquerque	2021	PPGEEB UFMA
21	SOUZA, Letícia Régia Gomes - Educação para a igualdade de gênero: desafios e perspectivas da ação docente na UEB Moranguinho	AMORIM, Elisângela Santos de	2021	PPGEEB UFMA
22	BEZERRA, Gardênia de Almeida - A identidade docente da Educação Infantil no meio rural de Imperatriz - MA	MONTEIRO, Karla Bianca Freitas de Souza	2021	PPGFOPRED UFMA
23	CORREIA, Sônia Giselly Karolczyk - Relações de gênero: discursos e práticas docentes em anos iniciais na UEB Dom Delgado	VALLE, Mariana Guelero do	2021	PPGEEB UFMA

N.º	Autor(a)/Título	Orientador(a)	Ano	Programa
24	NOGUEIRA, Edilma Bandeira de Araújo - O protagonismo de crianças no currículo da Educação Infantil de uma instituição pública em Imperatriz - MA	MONTEIRO, Karla Bianca Freitas de Souza	2022	PPGFOPRED UFMA
25	ALMEIDA, Ana Carla de Melo - Nós, VOZ, elas: mulheres professoras narrando suas vivências de desigualdade de gênero e raça no curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA	MACHADO, Raimunda Nonata da Silva	2022	PPGE UFMA
26	BARBOSA, Tatiara - Raça, gênero e educação em "Úrsula" e "Cantos à Beira-mar", de Maria Firmina dos Reis	RIBEIRO, Dimas dos Reis	2022	PPGFOPRED UFMA
27	REIS, Tereza Sabina Souza - Integração Sensorial em interface com processo de inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista em instituições de Educação Infantil no município de Açailândia - MA	SILVEIRA, Francisca Morais da	2022	PPGFOPRED UFMA
28	SANTOS, Nayara Meggie Rodrigues - Gênero e sexualidade no currículo: um Estudo de Caso da escola Centro Educa Mais Professora Margarida Pires Leal	SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos	2022	PPGHist UFMA
29	OLIVEIRA, Ronnald Torres - Gênero e Educação Infantil entre lacunas e entrelinhas: a legislação de 1998 a 2018	NUNES, Iran de Maria Leitão	2023	PPGE UFMA
30	RABELO, Ana Karoline Pereira Wernz - Base Nacional Comum Curricular e currículo na Educação Infantil: uma proposta didático-pedagógica como possibilidade para prática docente no município de Bacabeira - MA	VITURIANO, Hercília Maria de Moura	2023	PPGEEB UFMA
31	ABREU NETO, Raimundo Simas - A teoria histórico-cultural e processo de apropriação da linguagem escrita: repercussões teórico-metodológicas para o fazer docente na Educação Infantil	VITURIANO, Hercília Maria de Moura	2023	PPGEEB UFMA
32	DOURADO, Inara Sydia dos Santos - Linguagem escrita como prática discursiva: Implicações para o fazer docente em uma Instituição de Educação Infantil no município de São Luís - MA	VITURIANO, Hercília Maria de Moura	2023	PPGEEB UFMA

N.º	Autor(a)/Título	Orientador(a)	Ano	Programa
33	RÊGO, Angela Bárbara Lima Saldanha – “Mas, Doutora, namorar aluna é assédio?”: uma análise ética da violência de gênero no Instituto Federal do Maranhão	TOLOMEI, Cristiane Navarrete	2023	PGCult UFMA
34	SILVA, Raimundo Jose Pereira da – Discursos sobre gênero e sexualidade em livros didáticos da Educação Infantil de Caxias – MA	SILVA, Jackson Ronie Sá da	2020	PPGE UEMA
35	DUARTE, Marcos Felipe Silva – O corpo masculino nos livros didáticos de Ciências: uma análise de seus discursos e da retirada da categoria “gênero” da BNCC	SILVA, Jackson Ronie Sá da	2023	PPGE UEMA
36	VILA NOVA, Mary Luiza Silva Carvalho – A contribuição do gestor escolar para a redução das desigualdades educacionais a partir da Educação Infantil	SANTOS, Sandra Regina Rodrigues	2023	PPGE UEMA

Fonte: autora (2024), a partir dos dados coletados nos acervos *on-line* de dissertações dos Programas de Pós-Graduação, em 2023.

Durante a análise abrangente das dissertações no período escolhido, evidenciou-se uma notável ênfase nas categorias de “gênero” e “Educação Infantil”. No contexto das pesquisas realizadas, notou-se que essas categorias não apenas se destacaram, mas também permearam as discussões de maneira significativa.

Nas dissertações examinadas, é perceptível que os temas relacionados com a Educação Infantil, gênero, relações de gênero, currículo, prática docente/pedagógica e formação docente emergiram como os pilares centrais, frequentemente duplicando-se em diferentes contextos, conforme se nota no quadro 2. Esse fenômeno reforça a importância atribuída a esses tópicos, indicando uma tendência de relevância e abordagem consistente ao longo do período analisado.

Quadro 2 – Palavras-chave mais utilizadas nas dissertações (2013-2023)

PALAVRAS-CHAVE MAIS UTILIZADAS	
PALAVRAS-CHAVE	AUTOR(A)
Educação Infantil	Abreu Neto (2023); Aguiar (2021); Bezerra (2021); Castro (2020); Costa (2013); Dourado (2023); Dutra (2014); Franco (2021); Maia (2017); Oliveira (2023); Rabelo (2023); Rodrigues (2013); Silva (2020); Sousa (2018); Viana (2020); Vila Nova (2023).
Gênero	Almeida (2022); Bogéa (2019); Maia (2017); Monteiro (2021); Oliveira (2023); Santos (2015); Silva (2018); Silva (2020); Simões (2020); Sousa (2018).
Relações de Gênero	Correia (2021); Lima (2015); Melo (2013); Silva (2018); Souza (2020).
Currículo	Aguiar (2021); Nogueira (2022); Rabelo (2023); Santos (2022).
Prática Docente/ Pedagógica	Costa (2013); Dutra (2014); Rabelo (2023); Sousa (2018).
Formação Docente	Castro (2020); Monteiro (2021); Simões (2020).

Fonte: autora (2024), a partir dos dados coletados nos acervos *on-line* de dissertações dos Programas de Pós-Graduação em 2023.

Na análise das dissertações identificadas, optou-se por destacar aquelas que apresentam maior afinidade com os objetivos de nossa pesquisa, a fim de concentrar o nosso enfoque. Nesse contexto, mostra-se que os estudos conduzidos por Marília Milhomem Moscoso Maia (2017), Thalita de Fátima Aranha Barbosa Sousa (2018), Letícia Régia Gomes Souza (2021) e Ronald Torres Oliveira (2023), notando uma característica comum: todas são orientadas por mulheres originárias dos Programas de Pós-Graduação da UFMA.

Essa escolha estratégica não apenas ressalta a congruência temática, como também reconhece a relevância das contribuições femininas na pesquisa educacional, especialmente vinculadas a essa Instituição de Ensino Superior (IES). Essas dissertações selecionadas proporcionaram uma base robusta para aprofundar a análise e contextualizar a pesquisa dentro desse cenário acadêmico específico.

O Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida. Per-

mite-nos entrar em contato com os movimentos atuais acerca do objeto de investigação, oferecendo-nos uma noção abrangente do nível de interesse acadêmico e direcionando, com mais exatidão, para itens a ser explorados—reforço de resultados encontrados ou criação de novos ângulos para o tema de estudo – abrindo assim, inúmeras oportunidades de enriquecimento do estudo. Nesse sentido, a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo. Acredito que o Estado de Conhecimento deva ser o movimento inicial de toda pesquisa, uma vez que localiza e norteia os passos da investigação, a partir do conhecimento e da compreensão da produção intelectual que aborda estudos relacionados ao objeto de nossa pesquisa (Morosini; Fernandes, 2013, p. 158).

Ao explorar os resumos e introduções das dissertações em análise, é evidente que os estudos até o momento concentram-se, predominantemente, na prática docente e nos documentos oficiais que a orientam. Contudo, nota-se uma lacuna na compreensão do papel da criança nesse contexto em específico, e em que tais medidas práticas podem influenciar na criação ou perpetuação de estereótipos de gênero.

Além disso, a diversidade de abordagens metodológicas evidencia a riqueza nas escolhas dos métodos de pesquisa empregados pelos autores. Enquanto Ronald Oliveira (2023) optou pela pesquisa bibliográfica e documental, Thalita Sousa (2018) enriqueceu a sua dissertação com a pesquisa de campo, e Letícia Souza (2021) trouxe dinamismo através da pesquisa-ação. No entanto, na dissertação de Marília Maia (2017), a falta de clareza quanto ao tipo de pesquisa adotada destacou-se como um ponto a ser considerado, tornando-se uma área potencial para futuras reflexões e aprimoramentos.

O emprego de métodos distintos para a coleta de dados enriquece ainda mais a variedade nas abordagens das pesquisadoras. Thalita Sousa (2018) optou pela utilização de entrevistas e registros de campo, proporcionando uma perspectiva aprofundada e contextualizada. Letícia Souza (2021), por sua vez, escolheu entrevistas e seminários, promovendo uma

interação dinâmica no processo de obtenção de informações. Entretanto, nas dissertações de Ronald Oliveira (2023) e Marília Maia (2017), a ausência das informações sobre os métodos de coleta de dados foi indicada como uma lacuna que poderia ser explorada para uma compreensão mais completa dos procedimentos adotados em suas pesquisas.

A predominância do enfoque qualitativo nas dissertações analisadas destacou a preferência por uma investigação mais desenvolvida e contextualizada. Thalita Sousa (2018), Letícia Souza (2021) e Ronald Oliveira (2023) alinharam-se à abordagem qualitativa, evidenciando a busca por compreensões subjetivas e interpretações significativas em seus estudos. Porém, na dissertação de Marília Maia (2017), a falta de esclarecimento sobre o tipo de abordagem adotada cria um ponto de interrogação, sugerindo a necessidade de uma maior transparência metodológica para uma apreciação mais completa de seu trabalho.

Surge, dessa maneira, a necessidade de uma investigação mais apurada sobre a inserção da criança nesse cenário educacional, e a respeito de como as dinâmicas escolares podem reforçar ou contribuir para a quebra de estereótipos de gênero. Além disso, destaca-se a importância de analisar o papel da escola em sua função social, visando promover uma educação que contribua efetivamente para uma sociedade mais igualitária.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento das dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação do estado do Maranhão, no período de 2013 a 2023, permitiu evidenciar que a categoria gênero, articulada especialmente à Educação Infantil, tem se consolidado como um campo relevante e em expansão no cenário acadêmico. As análises apontam que, embora haja avanços na problematização das práticas pedagógicas e dos documentos oficiais que orientam a educação, ainda se observa uma lacuna significativa quanto à

centralidade das crianças como protagonistas nas construções e vivências das relações de gênero.

Verificou-se a predominância de abordagens qualitativas, com destaque para metodologias como pesquisa-ação, entrevistas e análises documentais, que revelam o esforço das pesquisadoras e pesquisadores em compreender o contexto escolar como espaço de socialização e reprodução de estereótipos, mas também de possibilidades de transformação. Nesse sentido, os estudos analisados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que superem visões essencialistas e binárias, promovendo um ambiente escolar inclusivo, equitativo e respeitoso às diversidades.

Os resultados desta investigação reafirmam a importância da escola como um espaço privilegiado de desconstrução de estereótipos e de promoção da equidade de gênero desde a infância. Também apontam para a urgência de ampliar debates e formações que contemplem professores, gestores e toda a comunidade escolar, a fim de fortalecer políticas e práticas educativas comprometidas com a justiça social.

Conclui-se, portanto, que o Estado do Conhecimento aqui realizado não apenas sistematiza produções existentes, mas também ilumina caminhos para novas pesquisas e práticas, sobretudo aquelas que deem voz e vez às crianças, reconhecendo-as como sujeitos ativos na construção de identidades de gênero. Avançar nessa perspectiva é fundamental para a consolidação de uma educação infantil que seja, de fato, democrática, plural e transformadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla de Melo. - **Nós, VOZ, elas: mulheres professoras narrando suas vivências de desigualdade de gênero e raça no curso de Direito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. 2022.** 149 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: a experiência vivida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FERREIRA, Andréa Maturano. **Estado da Arte em Educação: Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Editora XYZ, 2021.

FLAX, Jane. Postmodernism and Gender Relations in Feminist Theory. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 12, n. 4, p. 621-643, 1987.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.541-553

LOURO, Guacira Lope. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROMANOWSKI, N. L.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas estado da arte: conceitos e procedimentos. In: MORAES, E. G.; LIMA, D. M. (Org.). **A pesquisa em educação no Brasil: Análise do estado da arte**. Bauru: EDUSC, 2006. p. 37-50.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O conceito de gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004. p. 44-45.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, 1996.